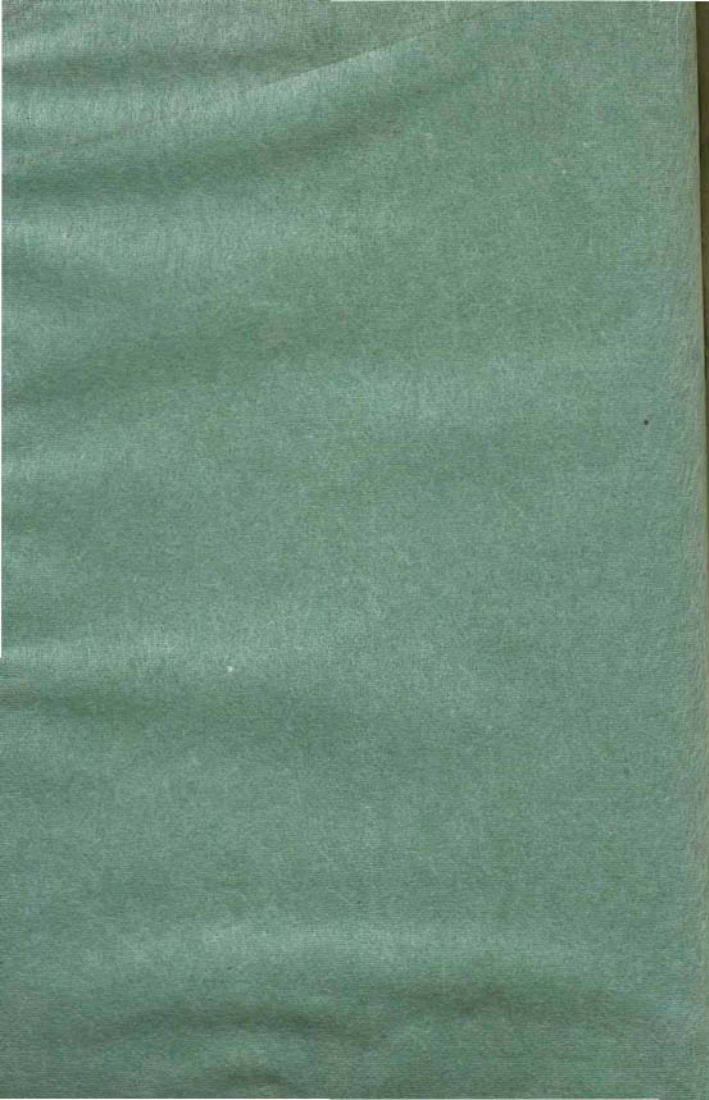


Musgrave P. Jones

1865



**BREVE APRECIACÃO**  
DA  
**DEMISSÃO**  
DO  
**CONSELHEIRO PARANHOS**  
POR  
**UM BRASILEIRO**  
EX-REPRESENTANTE DO POVO.



RIO DE JANEIRO  
TYP. POPULAR DE AZEREDO LEITE,  
RUA NOVA DO OUVIDOR N. 9.

---

1863

**BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL**

Este volume acha-se registrado

sob número 3311

do ano de 1974

# DEMISSÃO

DO

## CONSELHEIRO PARANHOS

Basta de enigmas : sejamos claros e francos.

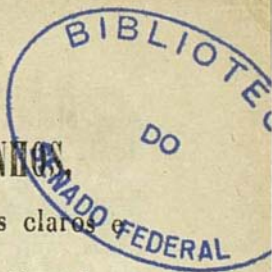
A demissão do conselheiro Paranhos é um attentado d'esses que revoltão as naturezas mais inertes.

O decreto de 3 de Março é um acto que attestará aos vindouros, como já prova á presente geração, que a mais negra ingratidão é o principal apanagio do maior poder do estado ; que o servilismo mais abjecto é o principal distinctivo d'esses homens que em 31 de Agosto tomarão os nomes de ministros.

Em nenhum paiz do mundo se vio a realza proceder com tamanha insidia !

Nunca no mnndo existirão ministros nem mais servis nem mais impudentes do que os actuaes ministros do Brasil !

Quando Luiz XIV, depois de gozar dos deliciosos manjares, e de dançar



nos opulentos áposentos da habitação de seu celebra intendente Fouquet, cercado de sua esplendida cõrte, ordenava a prisão e o processo do mais impudente e cynico delapidador das finanças francezas, nao fez mais que castigar merecidamente aquelle que não satisfeito de defraudar os dinheiros do Estado e da Coroa, de calcar aos pés o pobre povo opprimido e esfaimado, ostentava em face do proprio rei da França o justo titulo que conquistara de primeiro e mais audaz ladrão do Estado.

Luiz XIV. tivera um d'esses momentos de regio orgulho que respiravão vingança por vêr a coroa de França desprestigiada pela sumptuosidade sem ival que ostentava um vassallo até á pouco miseravel, e depois mais rico que seu proprio soberano. Mas Luiz XIV ainda que movido por um sentimento improprio da realza, dava á França um exemplo de moralidade ; e ao mesmo tempo satisfazia os desejos do povo francez, que vivia sob a oppressão do intendente.

Esse facto é da historia dos reis de Franca o mais saliente pela impressão que produziu ; primeiro, por que foi um acto de energia tão raro, praticado por um principe de character affeminado e vacillante, escravo dos prazeres da luxuria e sem lino para por si só governar a grande nação que lhe coubera em herança ; depois, por que Fouquet pôde sempre mais do que os ministros, mais que os principes, mais do que podia o rei.

A prisão e processo de Fouquet foi um acto tremendo da realza, que assumio as proporções de um golpe de estado ; mas achava justificação nos actos de revoltante cynismo, nos roubos audaciosos do intendente; e fôra aceito com regosijo e aclamado com phrenezi pelo povo que tão maltratado havia sido.

Luiz XIV divertio-se no palacio de Fouquet, comeu as diliciosas iguarias que lhe forão servidas, mas não foi ingrato nem tyranno com o seu intendente, foi simplesmente justo ainda que



o fosse sómente por que o ferissem no coração.

Percorrei as paginas da historia dos reis de França, mesmo d'esses que são apresentados como os mais fracos e incapazes, e não encontrareis um só acto comparavel ao attentado praticado contra o conselheiro Paranhos.

Vereis, sim, presos na bastilha e mesmo decapitados os mais leaes servidores do throno e da nação ; mas vereis que esses distinctos servidores forão presos e decapitados por que Catharina de Medicis e Anna d'Austria, Mazarin e Richelieu dominavão a vontade dos soberanos, incutião-lhe terror, e arrancavão desses espiritos fracos actos de inaudita crueldade. Porém, o que podião os reis contra a coacção em que aquelles espiritos ferozes e endiabrados os collocavão ? Ignoravão elles por ventura, que o veneno e o punhal tambem havião servido para cortar existencias regias que se tornavão pertinazes ? . . .

Carlos IX, Henrique III, Luiz XIV, e outros, forão cobardes e pusilanimos,

mas não forão expontaneamente ingratos.

Ha muito que o nosso paiz está entregue á voragem dos parasitas politicos que por ahi abundão.

Ha muito que o paiz se rescente do estado acephalo em que se acha o poder, que passa de umas para outras mãos sem um motivo plausivel, de encontro ás sábias disposições da lei fundamental do estado, em manifesta contradicção com os principios constitucionaes que formam a base do nosso systema de governo.

Esses motivos excepçionaes, essas contradicções que engendrão as dissoluções dos ministerios e até do parlamento, tem feito impressão no espirito publico ; e, geralmente se diz que é sempre o absurdo que resolve as altas questões de politica interna e externa.

A origem dos males muitos a conhecem, mas poucos são os capazes de apontal-a, e muito mais raros são os que ouzarão explical-a de modo a fazer sentir ao paiz a verdadeira cauza de

sua fraqueza, de sua esterilidade, da corrupção moral que grassa nas altas regiões politicas, que attaca os centros sociaes, o proprio coração do povo.

Indiquemos os factos de 1861 para cá.

Analysemos á luz clara da verdade os actos governamentaes que mais tem impressionado o paiz nestes ultimos quatro annos.

Sindiquemos com o espirito calmo a cauza de tantos crimes, de tantos erros, que o vulgo chama — absurdos. —

Julgemos com *franqueza* e com *coragem* esses crimes e os criminosos que os commetterão, sem attenção a seu estado, a sua riqueza, a sua posição, a seu poder e a seus direitos ; estado, riqueza, posição, poder e direitos, ainda mesmo que seja tudo isso *sagrado* pela lei, posto que tudo na verdade sómente seja doação e delegação do mais legitimo poder, do mais imponente e sagrado, d'aquelle que é inato na ordem social — do poder do povo. —

Apoz muitos desatinos e longa ex-

espectativa organizou-se o ministerio Olinda. Instrumento da *razão unica* de ser das couzas do paiz, o marqnez de Olinda organisou o ministerio sem sahir do Palacio Imperial, ahi encontrou uma parte dos membros que devião compor o gabinete, e lá foi buscar outros que se achavão fóra do reposteiro, mas que lhe havião sido indicados.

O marquez de Olinda servia perfeitamente para o que d'elle se exigia ; era preciso illudir os incautos, mystificar os incredulos, vingar suppostas affrontas, e mais que tudo era preciso crear uma outra situação que trouxesse o cunho da vasta intelligencia que tem a gloria de haver submergido o paiz em um pelago de males, que tem emporecido a nação, desmoralisado os povos e desprestigiado todos os homens publicos.

O marquez de Olinda servia perfeitamente para o que d'elle se exigia : fóra o instrumento da agonia e da morte do distincto e energico marquez de Paraná;

é docil, tinha de exercer vinganças contra aquelles que lhe fizeram honrosa opposição em 1857, e ainda que caduco e manivela de uma mulher, podia carregar com a apparente responsabilidade de quantos desatinos se lhe ordenassem.

O marquez de Olinda trabalhou por conta propria e de *outro* ; illudio a uns, vingou-se de muitos e deu acesso áquelles que estavam promptos a curvar-se á *razão unica*, comtanto que sahisses da miseria para loclupetar-se com as honras, os empregos e os dinheiros do Estado.

O primeiro acto de vingança do poder jesuitico então creado, foi a demissão desleal e traçoeira do distincto presidente da Provincia de Minas-Geraes. Esse acto já foi commentado e julgado.

Outros se lhe seguirão para desmontar os adversarios de 1857, e a dissolução negada em 1859 a um ministerio nobre, patriotico e constitucional, em circumstancias graves, foi executada em 1861, desleal e traçoeiramente.

O marquez de Olinda cumprindo a ordem da *razão unica*, entregou o poder áquelle que o creador da nova situação indicou

O Sr. Zacharias elevou-se á suprema altura de organisador e chefe de um gabinete. Uriundo da escola jesuitica do marquez de Olinda ; filho dilecto da situação coube-lhe a gloria de continuar a politica iniciada de cima, e de servir-lhe de instrumento : trocou as vestes do parlamentar distincto, do orador primoroso, do politico austero, pela sotaina de pedinte da ordem monastica e pela libre do *valet de chambre* : o Sr. Zacharias foi presidente de Conselho, foi tudo quanto quiz a sua vaidade, a sua ambição de figurar, mas não foi ministro constitucional.

Nao poucas vezes tivemos dó de um talento tão pouco vulgar que se via ajoujado sob as roupagens do homem de estado; e, quando em nome de principios de uma nova situação que não exestião senão na phantasia dos ambiciosos e dos capachos, pedia chorando

o apoio de uma horda indisciplinada e pedantesca que se dizia unida da victoria das urnas, e que não trepidava em desmoronar pouco a pouco os alicerces da supremacia não menos pedantesca do seu chefe no poder.

Nós vimos o Sr. Zacharias á entrada dos hotéis, á porta dos seus illustres alliados da vespera implorando um apoio para a conservação, senão para a consolidação d'essa doutrina creada pela nova bulla do poder mysterioso que do brava até ao chão a cabeça altiva do eximio primeiro estadista da situação nascente.

O Sr. Zacharias achava-se tão a commo com a sotaina e o capuz da ordem, com as vestes de palafreheiro da Côrte, que sacrificou seu pundonor, sua honra, suas crenças e até suas opiniões dogmaticas do dia antecedente, para levantar o turybulo bem alto e despejar golphadas de insenço no deos que o fizera tão de subito seu apostolo!

O Sr. Zacharias chegou a armar soldados nas portas, nos corredores e no

proprio salão do mais elevado tribunal de justiça do paiz, para impor a execução de um dos mais omminosos firmaes do poder do estado, que arrancára de suas cadeiras com atroz violencia quatro de seus juizes supremos, quando elle mesmo pouco antes com o mais energico de seus argumentos, anathematisára aquelle em quem presumira a intenção de violar o asylo da justiça, e os direitos constitucionaes da suprema magistratura.

Na politica externa notão-se os mesmos desatinos que se produzem dentro do paiz; mas aquella está subordinada a questões e interesses de ordem tao elevada, affecta por modo tal caracteres e principios de natureza tão differentes que são logo conhecidos e patentes seus erros, a ignorancia de quem a inicia e a inepecia com que é dirigida.

Desde muito que o Brasil está mal com a França, com a Inglaterra, com a Italia, Hespanha, Portugal na Europa,



com a Bolivia, e com o Estado Oriental na America do Sul.

A politica externa seguida para com a Europa tem dado ao paiz momentos bem aziagos. Nossa soberania e independencia forao ignominiosamente ultrajadas pela Inglaterra; o povo brasileiro soffreu em seus brios, e viu-se quasi a braços com o poder gigantesco da altiva Albion que ameaçava esmagal-o.

A politica externa com o Rio da Prata nos creou difficuldades taes que conduzirão o paiz á guerra desastrosa em que se acha actualmente envolvido.

Inepcia e indolencia para com a Europa; inepecia, indolencia e altivez para com a America do Sul! De todos os lados erros e ignorancia, que provocarão as chancellarias dos paizes mais cultos como as dos menos civilizados.

No Rio da Prata se carecia de uma politica moderada, mas energica e sobretudo illustrada e capaz de infundir respeito e estima aos representantes das nações estrangeiras ahi residentes, e aos

naturaes das differentes republicas que são de origem hespanhola.

Ninguem melhor comprehendeu a politica a seguir no Rio da Prata como o distincto Sr. visconde de Uruguay. Ninguem melhor a executou que elle, o finado marquez de Paraná, e o discipulo dessa famosa escola o distincto Sr. conselheiro Paranhos.

A quèda do despota de Buenos-Ayres produziu agradavel impressão na diplomacia europèa, e infundiu respeito ao Brasil nas margens do Prata; porém o visconde de Uruguay isolou-se como tantos outros estadistas eminentes; falleceu o energico Paraná, e a politica do Rio da Prata passou a ser dirigida pelo mesmo espirito monastico, vascillante e inepto que tem reduzido o paiz á inacção e á pobreza.

Diplomatas e povos ribeirinhos e conterraneos tomárão o pulso ao novo Metternick, e então creou-se essa tristissima situação que ahi vemos prestes a devorar as finanças do paiz, a vida dos brasileiros e a dar em resultado o despres-

tigio das nossas instituições, e outra abdição.

Depois de mui graves offensas manda-se uma missão especial exigir satisfações e indemnisações. Essa missão confiada a um brasileiro talentoso, de vigoroso caracter e de patriotismo devia reconquistar no Prata a posição, que ali derão ao Brasil o visconde de Uruguay e o marquez de Paraná. O distincto Sr. conselheiro Saraiva bem o comprehendeu, e procedeu não somente de accordo com as instrucções que lhe havião dado, mas com as urgencias da situação. O Sr. Saraiva foi moderado e energico; quiz a paz com honra para o paiz, e foi forçado pelo desprestigio em que havia cahido o Brasil, á apresentação do seu *ultimatum*, e a dar ordens para marcharem as forças brasileiras a occupar o territorio da Republica Oriental, e obter pelos armas o que senão alcançava mais pela diplomacia.

O Sr. conselheiro Saraiva cumpriu o seu dever com honra e lealdade, mas foi sacrificado pela inepecia do governo

do seu paiz ; porque lhe dera instrucções para romper sem lhe dar forças para tornar effectivo o rompimento ; e o diplomata brasileiro foi victima da incuria senão da perversidade de quem tão ignominiosamente expõe o Brasil ao ridiculo do estrangeiro e ás maiores calamidades.

O Sr. conselheiro Saraiva teve o desprazer de ouvir aqui na côrte, e da *razão unica* de ser das cousas e dos homens do paiz—que havia sido bellicoso de mais !! .. e o distincto bahiano reconhecia que *o paiz não merecia que ninguém o servisse e fizesse por elle sacrificios*; porque se galardoava com a *ingratidão* os seus mais honestos servidores !

Contente havia partido o Sr. conselheiro Saraiva para o desempenho da sua missao : nós lhe ouvimos dizer — hei de fazer o que fôr digno do paiz e de mim — ; e ei-lo de volta á sua terra natal com a consciencia de que cumprira o seu dever, mas com o coração magoado pela insidia e pela ingratidão

de quem lhe exprobara em face o *haver aceitado* tão delicada missão, quando a ineptia e a indiferença a impunhão á sua posição social, á sua intelligencia e ao seu patriotismo.

O Sr. conselheiro Saraiva é um character mui distincto, que á vasta intelligencia reúne o tino politico e administrativo, energia e honestidade, qualidades que o tornão apto para os grandes encargos do Estado, e que ao mesmo tempo lhe attrahem o respeito, a estima e até a dedicação de quantos o conhecem e sabem apreciar. S. Ex. bem comprehendeu a sua elevada missão nas margens do Prata, e o paiz lhe fez justiça contra a insidia de que foi victima.

O primeiro acto da grande comedia recomeçada no Prata pela inepta politica imperial e pela nefasta direcção do caricato Metternich, estava concluido ; já se contava estragado mais esse vulto que acreditára na sinceridade e boa fé do systema adoptado na côrte, de inutilisar todas as capacidades que se

avantajão na politica, e que podem amesquinhar as intelligencias abstractas que ostentão a plumagem a esmo arrancada aqui e acolá de brilhantes pavões.

Pareceu á mesquinha idéa dos *hominens grandes* do paiz, que se poderia dizer—*parce sepultis*—nessa reputação que se acreditou haver naufragado nos mares das Pampas ; e já se entoavão canticos de louvor ao Supremo Architecto de Ruinas, que inspirava em suas horas de recreio os magestosos Titos desta infeliz terra ! Era mister ainda comprometter e inutilisar outro character distincto, outra reputação solida, outro homem politico eminente que brilhava no horisonte da patria com a cxplendida luz de seu natural talento, e que offuscava a luz opaca e phosphorica que almeja subir ao ponto mais culminante do phanteon universal.

O Sr. conselheiro Paranhos reunia todos os predicados indispensaveis para a missão especial do Rio da Prata, foi pois o escolhido para substituir o seu muito digno patricio o Sr. Saraiva.

Não fôra o ministerio Furtado que se lembrára do illustre estadista conservador; não; que homens da tempera desses que ahi estão, que *se dizem* ministros, e que aceitam de cabeças baixas e joelhos em terra as determinações que vem do alto, tremem da approximação dos astros mais brilhantes que gyrao na constellação conservadora. Esses espiritos *invidiosos* e tacanhos; essas consciencias obliteradas pelo mais ignobil servilismo; essa raça de mongoles uriunda da tão apregoada victoria das urnas, dessa epopéa creada pela insensatez de um velho corrupto, e cantada pela fexidez dos detalhes, não se acerca sinão de pygmeus que se elevão em grandes tacões de botas; de francos salteadores cujo merito é o de forjar fortunas com o credito do papel estampado e que assombrão o paiz com o desplante com que tronão nas primeiras capitaes do imperio em soberbas berlindas e em faustosas habitações.

Não foi o ministerio Furtado que se lembrou do conselheiro Paranhos para

o desempenho de uma missão tão ardua e que augmentaria a sua aureola de gloria : não; que esse bando ministerial, filho espurio da traição e da vingança, busca só no bando esfaimado de seus miseros sequazes os elementos de sua grandeza e conservação. O talento do nobre Sr. Paranhos, seria um facho incendiario lançado no meio desse acantonamento de ranchos e de choças dos bohemios vindos de invios lugarejos que não forão marcados nas cartas topographicas do estado. Os piratas e salteadores, os contrabandistas e os ciganos fogem á luz do sol ; procurão a escuridão das trevas, e seus homens são sempre os mais audazes, os mais atilados nas invenções dos *sagues*.

O Sr. Paranhos foi escolhido e *imposto* ao ministerio ; porém o Sr. Paranhos foi escolhido e imposto contra a sua vontade e contra a vontade de seus amigos e correligionarios, que previão uma victima sob as vestes da embaixada.

O Sr. conselheiro Paranhos viu-se



embaraçado entre dous—deveres—; tinha de escolher entre o dever de subdito e o de correligionario politico; como subdito exigia-se um *serviço pessoal*, que senão fosse prestado pederia acarretar-lhe a pecha de ingrato e o esquecimento daquelles que só se lembrão dos servidores dedicados e leaes nas horas aziagas de sua existencia; como correligionario politico, aconselhava-se-lhe a mais completa abstenção em uma quadra que se tornava notavel pela apparição de bandos de bohemios, que procuravão a todo o transe exterminar as legiões de bravos que oppunhão só com a sua inercia e seu isolamento séria resistencia ás suas fraudes, aos seus roubos e a todos os crimes que manchão as vestes de tão francos bandidos.

Não hesitou o nobre conselheiro, que, com a consciencia tranquillã dizia aos seus amigos; — cumpre-me obedecer aos deveres de um subdito leal; tanto mais que não importa essa obediencia o sacrificio de minhas opiniões e de minhas crenças. —

O Sr. Paranhos aceitando os factos con-

summados no Rio da Prata, e baseando-se nos actos praticados por seu illustre antecessor, tratou com a rara habilidade, com o tino que todos nelle reconhecem, de solver as mais graves difficuldades ; e o fez de um modo honroso, diremos mais, de um modo glorioso para si. para o seu paiz e para a civilisação. Fez surgir de Montevidéo, desse fóco de minas subterraneas, desse covil de féras, dessa caverna de bandidos, dessa fogueira que hia victimar tanta vida preciosa ao Brasil, a—paz; mas a paz com todo o seu magestoso porte, cercada da sua mais luzida côrte, com seus mais esplendidos atavios, com todas as honras de um grande factio politico, social e humanitario.

Essa paz, que surgia altiva d'entre um montão de ruínas, era um verdadeiro milagre operado de um modo surprehendente para as populações do Rio da Prata, para o corpo diplomatico estrangeiro, para os próprios bandidos que ainda ha pouco juravão sobre seus trabucos e suas adagas beber o sangue das veias brasileiras e redusirem a pó tantos corpos catholicos, tantos subditos patrioticos de um estado altamente odiado.

A paz de 20 de Fevereiro, depois da victoria de Paysandú, e em vespervas de um assalto que assolaria o Brasil e Montevideo, foi uma inspiração dos Deuses, foi a mais completa victoriã das armas brasileiras, da civilisação sobre os vandalos que estavam senhores de uma praça inexpugnavel não tanto pelos seus meios de defeza naturaes, mas pelos meios extraordinarios de defeza que a sustentavão ; não tanto pelas praças armadas ao mando dos Aguirres, Carreras, Sáas e Susviellas, mas pelas forças diplomaticas que se havião agglomerado e cuja presença e attitude infundia respeito e alarmava a força material mais consideravel, a força da intelligencia mais vigorosa.

Napoleão III, esse genio portentoso que domina a Europa, que infunde respeito aos mais sabios politicos, que traz amedontrada a soberba Inglaterra, que dispõe a seu talante da paz e da guerra, que é sem contestação o arbitro do mundo ; quando marchava triumphante depois das victorias de Solferino e de Magenta, parava em villa Franca, e promulgava a paz por elle dictada á Italia e á Austria, com geral assombro dos Soberanos que empunhavão a espada, com não menor admiração de todas as gran-

des potencias que com o mais vivo interesse seguiu os passos, e se empenhava em aprofundar o pensamento mais occulto do Cezar da actualidade. Napoleão III triumphante, pensou que a paz podia tambem ser um facto victorioso, muito mais glorioso que o triumpho de cem batalhas, muito mais nobre e honroso que a conquista das margens do Rheno, que a vassalagem da Austria. Napoleão pensou que a paz devia cingir-lhe á frente um diadema mais brilhante que a corôa da Franca, que todas as corôas de louros que já lhe cingião a altiva cabeça, e dictou a paz em Villa Franca como dictaria o seu codigo á Prussia, como dictava já sua vontade á Austria, á Italia e á soberba Curia Romana.

A historia perscrutará um dia os verdadeiros pensamentos do grande imperador Francez no dia em que fez estacar os seus exercitos, e as causas por que promulgou a paz de Zurich; até agora, porém, o mundo admira o facto de Villa Franca e o tino e perspicacia do Cezar moderno, desse genio portentoso a quem sobra tempo para se occupar em escrever historia e litteratura, e, que, sem ser *doutor* mostra aos reis da terra — que o tão preconizado *direito divino* está



mui longe de produzir imperadores da sua  
tempora, e como elle, capazes de compre-  
hender a grandiosa missão de reinar !

A convenção de 20 de Fevereiro, aceita,  
senão dictada pelo conselheiro Paranhos  
nas margens do Prata, não foi menos glorio-  
sa que a paz de Villa Franca. As grandes  
intelligencias da época forão surprehen-  
didas com esse facto que revelou todo o ti-  
no, e o mais elevado grau a que podia  
attingir a capacidade do illustre diplomata  
brasileiro, e a historia um dia se regozijará  
de mencionar esse facto com commentarios  
em extremo honrosos para o habil diplomata  
que fez surgir a paz mais gloriosa d'essa  
fogueira, que ameaçava devorar as finan-  
ças do Brasil, arruinar o Estado Oriental,  
e fazer correr vermelhas de sangue as  
agoas do grande Rio da Prata.

Um dia a historia dirá, que o conselheiro  
Paranhos elevou-se no conceito publico do  
seu paiz, no dos paizes limitrophes, no da  
Europa, dictando o convenio de 20 de Feve-  
reiro ; e ella dirá, que este facto encheria de  
orgulho os mais abalisados diplomatas da  
Europa e os seus paizes ; que só metade  
das concessões feitas por Flores e Villalba,  
seria o prognostico de aclamações e de

triumphos em Pariz, Londres, Vienna, Moscow e Florença. que seria igualmente o motivo mais nobre para se cobrir de honras, de riqueza e de respeito aquelle que tanto houvesse conseguido para esses paizes tão adiantados na sciencia diplomatica, e governados por homens verdadeiramente nobres, que á mais vasta intelligencia reu- nem todos os dotes que caracterizão as al- mas prelestinadas e destinadas a fazer a felicidade dos povos.

No Brasil, houve quem procurasse mare- ar o brilho da notavel victoria alcançada pe- lo Conselheiro Paranhos, em Montevideo ; quem pretendesse manchar a vasta intelli- gencia e o tino do habil senador e diploma- ta ; quem procurasse mesmo magoar esse grande e nobre coração que exultava de prazer no dia 20 de Fevereiro, por que via triumphante o seu paiz. por que augmenta- va o brilho desse diadema nacional que cin- ge a fronte do Imperador, do mesmo Impe- rador que o havia escolhido para interprete de seus pensamentos e de sua politica. por que o encheria de gloria a elle embaixador, que conseguiu mais do que podia e mesmo devia esperar.

No Brasil houve quem inventasse uma

mentira, uma calumniosa imputação ao tino e ao character do Conselheiro Paranhos, houve quem propalasse a mentira e a calúnia, quem gritasse junto á portinhola do carro Imperial — Senhor, não ajude a enganar o povo; o convenio de 20 de Fevereiro é uma ignominia !... — Houve quem levantasse esse grito calumnioso, quem proferisse essas perfidas palavras que ahí ficão registradas, e oh ! magoa e desventura, houve quem n'ellas fingisse acreditar para em um momento de engano e d'illuzão de turbas ignorantes, conquistar popularidade nas praças descarregando desapiadado golpe na reputação e no coração d'aquelle mesmo que n'esse momento era o alvo de festas, de acclamações e de respeitosas homenagens dos povos residentes em Montevidéo, dos diplomatas e almirantes estrangeiros que ahí se achavão !

O grito de guerra atirado com calculada perfidia no meio das massas por um dos pigmeus da chancellaria governamental habituado aos effeitos comicos do palco scenico, e das risotas provocadas pelas galhofas das *moças ricas*, pruduzio seo effeito na horda popular e nos espectadores das ovações e acclamações compradas com a moe-

da do thesouro. A popularidade parece tão bella, seus gosos são tão desejados pelos espiritos vulgares, que a procurão, mesmo aquella que é alimentada artificialmente e que tem sua origem nas moedas que fôrão atiradas a esmo nos balcões das tabernas, que se não quer perder a occasião de parecer popular, de ser o objecto de ovações mesmo avinhadas !...

Esta popularidade custou ao nobre Conselheiro Paranhos a mais profunda magoa, aos seus amigos os mais dolorosos soffrimentos, aos homens politicos sinceros, honestos e patrioticos de todos os partidos, a mais dolorosa impressão, e ao paiz, a mais completa ignominia.

A ignominia que a perfidia disse que existia no convenio de 20 de Fevereiro, e que a insidia e a ingratição canonisou com a brutal demissão dada ao distincto Sr. Paranhos, sómente apparece e recahe, hoje, sobre a nação brasileira, que é simpesmente uma victima imolada ante o altar que a mais ignobil bajulação erigio á inépia, e á indifferença que serve de base á nefasta politica, que tem reduzido um povo livre á misera condição de espectador da opulencia dos bancarroteiros, dos politicos frau-



dulentos e concussionarios, dos *borrachos* que se pavoneão com a nobre ephigie de voluntarios da patria, e dos que imperão nos gabinetes ; dos literatos de comedias theatraes; dos pelotiqueiros que populão á sombra de instituições creadas para elevar o paiz ao cumulo das grandesas, e não para lançal-o nos abysmos da miseria e da anarchia em que se acha e de onde hade indubitavelmente saber, mas só depois de grandes commoções e de ser regado por muito sangue !

A duvida, a incerteza que por um momento se opoderou do espirito publico, deu lugar á mais intima convicção de que o paiz fôra illudido pelo governo do estado, que fôra vilipendiado por esses polichinellos que se *dizem ministros* , que o romancista e dramaturgo do Gymnasio fôra trombeta da calumnia e da politica prostituida que impera no paiz, que fôra o *Mauvepin* enviado á portinhola do carro imperial, não para dizer a verdade usando de sua habilidade ventriloqua, e servir a um rei de character vacilante e estúpido como era Henrique III, mas para fallar com a lingua de vibora e impregnar de vil peçonha a honra e a intelligencia de um habil estadista.

A' demissão do diplomata, seguiu se.... o que?... a nomeação do litterato dramaturgo do Gymnasio e tenente-cirurgião d'armada, para tenente-coronel commandante de um corpo de voluntarios da patria!... Seguiu-se a nomeação de outro embaixador, um dos directores do bando politico da actualidade, um dos mais fervorosos entusiastas do talento romantico e theatral do litterato cirurgião, desse mesmo que ao ouvido do Imperador, disse: — Senhor não ajude a enganar o povo, o convenio é uma ignominia !...

A capital do imperio viu essas nomeações ; observou os factos ; soube do modo por que foi dada a demissão ao Sr. Paranhos, quem a iniciára, as palavras que se proferirão em relação a este distincto brasileiro ; soube mais que dois ministros, o de estrangeiros e o da fazenda aconselharão que não se praticasse tal acto porque ia cumplicar o estado da questão, acto que elles reputavão injusto ; e o paiz convenceu-se da perfidia usada com elle, da ingratição e deslealdade usada com o Sr. Paranhos, a quem se condemnava e de quem se aceitavão os serviços diplomaticos que erão objecto de aclamações e de festejos officiaes, que

erão mesmo objecto de dythirambos na *Folha official*.

No Brasil não existem hoje duas opiniões acerca do verdadeiro valor do convenio de 20 de Fevereiro, e dos relevantissimos serviços prestados pelo Sr. Conselheiro Paranhos. Todos no paiz reconhecem a importancia real do convenio e dos serviços do diplomata que o conseguiu. O proprio ministerio, na *Folha official*, manifestou todo o seu contentamento antes como depois da demissão dada ao Sr. Paranhos e deixou estampadas na *sua folha* as melhores provas da sua ignominia, da sua cobardia, da sua traição, e da ingratição sem exemplo de quem iniciou e instou pela demissão do Sr. Paranhos.

Ha quem queira enxergar na demissão de Sr. Paranhos, *falta de senso*; ha mesmo quem rememore e analyse certos actos governamentaes para concluir, que existe essa falta de senso....

Outros attribuem a aberração do espirito philosophico, que enlevado pelas bellezas do desconhecido nas sciencias as mais positivas, foi surprehendido por uma dessas inspirações que sómente accommettem as almas que se hão tornado insensiveis á for-

ça de locubrações, mas que recebem certo vigor quando pensão ter encontrado a incognita.

A historia, com sua inexoravel imparcialidade, hade legar aos vindouros filhos de Santa Cruz mais de uma pagina sobre os factos brasileiros de 1831 para cá, e então quem ler essas paginas, quem analysar os factos, repetirá comnosco — Se em 1861 o paiz já não comportava *tanta crueza*, na phraze de um mui distincto senalor e eminente cidadão; em 1865 não comportava tambem *tamanha inepecia*, que legará aos seus descendentes os mais esplendidos e gloriosos monumentos do actual reinado — a invasão pelos Paraguayos e a defesa da rica e importante provincia de Matto Grosso, antes, durante e *longo tempo* depois d'essa invasão. —

Se algum espirito timorato e por isso mesmo acanhado, ou algum outro desses que sabem pensar e que não ouzão fallar alto, nos exprobar a maneira por que disemos as verdades n'esta epocha de vil adulação, de ganancia e de dissolução social, lhe responderemos com as proprias palavras á pouco proferidas no senado da França, com relação ao seu grande Imperador, pelo dis-

tincto, illustrado e corajoso. Marquez de Boissy ; — « O que acabo de dizer é a verdade ; e, segundo o direito novo todas as verdades se dizem. » —

Quando o paiz inteiro crê no que dizem os proprios ministros — que um poder maior nos governa a seu talante, e impoem a elles sua vontade sem respeito ás formas constitucionaes ; quando existem ministros que se aviltão até o ponto de servir de instrumento fatal nas mãos de quem tão impensadamente viola a lei fundamental do Estado, para crear um poder extra-legal e fóra dos costumes e sentimentos dos povos ; que mal pôde resultar de que um escriptor consciencioso e independente, inda que subdito respeitoso das instituições juradas, procure reabilitar n'esses homens abjectos o sentimento da dignidade, e no supremo poder que os avilta o sentimento do dever e do respeito ás leis e ao paiz ? A constituição do Estado nos poz a coberto do despotismo governamental, e nos garantiu a liberdade conquistada por nossos pais nos campos do Ypiranga ; liberdade que creou um imperio, doou uma corôa, e fundou uma dymnastia que, como nós brasileiros tem o dever de manter e respeitar os direitos

que a todos sem excepção nos forão legados ; e se a dynastia deve prezar e manter illezas suas altas prerogativas, tambem nós outros cidadãos prezamos e devemos manter illesos os nossos altos privilegios.

Do alto da tribuna de senado brasileiro uma voz eloquente e outr'ora em extremo sympatica e respeitada, sustentando a annullação de duas cartas imperiaes que nomeavão dois senadores, disse ao paiz para ser ouvido por elle e pelo Imperador — «resisto ao rei para melhor servir ao rei ; —» e, se um estadista tão altamente collocado no paiz, e até no conceito imperial, podia resistir impunemente ao rei para melhor servir-o, por que não poderá um escriptor mesmo obscuro, mas sincero e patriotico, dizer toda a verdade para ser ouvida pelo imperante e com o fim de servir ao paiz ?

Se aquelle estadista foi apoiado e auxiliado em sua resistencia, nosso procedimento não pôde ser extranhado pelo simples facto de não dizermos as verdades do senado ; por que como simples escriptor gozamos dos mesmos direitos que qualquer outro perante a lei, perante o paiz e perante o throno.

Não desceremos a explicações dos factos

que se derão no Rio da Prata, e no nosso paiz em relação ao Sr. conselheiro Paranhos ; muitos escriptores distinctos se tem occupa lo largamente com elles ; limitamos á reproducção de parte de um artigo brilhante no estylo e nas conclusões; escripto por um hábil e distincto correspondente do *Jornal do Commercio*, na provincia do Rio-Grande do Norte, e publicado no supplemento do *Jornal* do dia 17 do corrente.

. . . . .

« Um pouco mais tarde distribuirão-se os jornaes ; lèrão todos com seus proprios olhos as condições sob as quaes se havia escripto nosso convenio de paz ; o enthusiasmo refervente redobrou de intensidade, todos, em uma voz, victoriavão o nome do illustrado conselheiro, o Sr. José Maria da Silva Paranhos. »

« Nossa gloria sellada com o sangue brasileiro dentro das muralhas da cidade de Paysandú, nosso glorioso triumpho alcançado em Montevidéo, sem a effusão de sangue que devia custar a tomada de uma praça fortificada, de assalto, erão por todos apregoada como obra de gigantescos

personagens, do illustre diplomata o Sr. conselheiro Paranhos, e do nobre Sr. visconde de Tamandaré. »

« Um pouco mais tarde, lida a *Gazeta Official* e o *Jornal do Commercio*, o espirito publico divagava de incerteza em incerteza, de indignação em indignação, por vêr que o proprio governo que em seu órgão dissera : « Esta solução que poupou á cidade de Montevidéo as desgraças de um assalto, e pacificou a republica, como por encanto, *restabelecendo simultaneamente a paz e alliança com o Imperio sobre as bases as mais honrosas*, causou o mais entusiastico contentamento entre nacionaes e estrangeiros. »

. . . . .  
. . . . .

« Em Paysandú vencerão os alliados »  
« pelas armas, em Montevidéo só pela »  
« presença de seus exercitos, e *pelos es-* »  
« *forços de nossa diplomacia ! é uu bello* »  
« *triumpho !* »

« Foi assim que o governo imperial, livre de preconceitos, victoriou os exercitos alliados, e o nobre e illustrado Sr. conselheiro Paranhos. »

« O Sr Paranhos, nesse momento sin-



cero de reflexão, recebia um premio de seus serviços e da lealdade com que servia ao paiz, na difficil commissão em que achava-se, as ovações que o governo lhe dirigia. »

« O grande homem estava pago com a grandeza moral que lhe dava a confissão do governo. »

« A opinião publica da côrte, e das provincias, o paiz inteiro levantar-se-ha. como um só homem. para erguer monumentos de reconhecimento ao magnanimo e illustrado diplomata o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos. »

« Com esse acontecimento feliz temia o ministerio, que o prestigio de um homem, que as ovações da opinião publica restaurassem a politica conservadora. »

« Era preciso, pois, desprestigiar o illustre personagem que negociára a paz, e obscurecer-lhe a gloria. »

« Assentou-se, fez-se; e o governo, por seu orgão, foi o proprio que contradictou o seu proprio pensamento. »

« No dia seguinte escrevia a mesma *Gazeta Official* :

« O accordo não attendeu tanto quanto »  
« cumpria, as considerações que fizemos. »

« Comtudo o governo imperial reputa de »  
« sua lealdade manter o que foi ajustado. »  
« O governo imperial resolveu *dispensar* »  
« da missão diplomatica que lhe estava »  
« confiada, o Sr. conselheiro Paranhos. »

« Ha pouco vimos o governo satisfeito  
com a missão do Sr. conselheiro Paranhos :  
agora é o mesmo governo que mostra-se  
dissatisfeito com o ministro plenipotencia-  
rio que estava acreditado junto ao governo  
das republicas do Prata, e que o destitue  
desse importante cargo. »

« Na *Gazeta Official* de 11 do andante, »  
« no ultimo periodo do seu artigo de fun- »  
« do lê-se: « Muito menos pôde autorisar »  
« (tratando da nomeação) o juizo de que »  
« falta de homogeneidade de pensamento »  
« entre o governo imperial e o seu repre- »  
« sentante no Rio da Prata torne esse »  
« convenio *pouco honroso* para o Brasil. »

« Ora, se o governo reconhece, como diz  
por seu órgão, que esse convenio não foi  
*pouco honroso* para o Brasil ; se applaude  
a paz assentada sobre condições que evitá-  
rão effusão de sangue, como demittio com  
tão pouca generosidade a um funcionario  
dá mais alta importancia ? A destituição,  
nessa hypothese, não marêa, nem despres-

tigia o alto e merecido conceito de que goza, com razão, no paiz, o Sr. conselheiro Paranhos ; mas ao governo que o referendou, pagando tão ingratamente serviços de um illustre funcionario, prestados com sacrificio em paiz estrangeiro. »

« Esse procedimento ingrato e descommunal do governo causou aqui descontentamento geral, e reprovação de todos. »

« Na cõrte illuminárão-se os paços imperiaes, as moradas dos ministros, as repartições publicas, as fortalezas, os navios e os quartéis ; as luminarias resplandecião espontaneamente de todas as janellas ; as bandas de musica passeiavão nas ruas ; vivas entusiasticos ouvião-se de todos os lados, o povo nadava em mar de regosijo. Os festejos durárão tres noites. »

« A provincia do Rio-Grande do Sul, testemunha ocular do brioso comportamento e do glorioso tratado assignado pelo illustre conselheiro o Sr. Paranhos ; a provincia de S. Pedro, aquella que mais concorreu para o triumpho que obtivemos, depois de assignado o convenio de paz, applaudio-o com ruidosos e entusiasticos festins. »

« A Bahia, indignada do procedimento

do gabinete, applaude e festeja estrepitosamente esse brilhante convenio assignado pelo illustre diplomata, o Sr. Paranhos, no qual ficarão vingados nossos brios e dignidade de nação.»

« Em todas as provincias, e por toda a parte por onde tem transitado essa entusiastica noticia, o contentamento e o regozijo publico se tem manifestado de uma maneira clara e positiva. »

« A noticia aqui produziu um elevadissimo enthusiasmo, que foi, porém, molestado pelo desgosto que manifestarão todos quando souberão que nosso illustrado diplomata havia recebido, em premio de seus muitos e brilhantes serviços, a demissão do cargo importantissimo de ministro plenipotenciario acreditado junto ás Republicas do Prata ! Comtudo, o povo preparava-se para uma demonstração solemne de seu apreço e regozijo. »

As consequencias que deste monstruoso facto podem resultar no exterior está ao alcance de todas as intelligencias ; cada um póde formar idéa da desconfiança que foi elle inspirar ao general Flores e aos governos dos paizes limitrophes do Brasil.

O alto poder que nomeou e dimittio

o conselheiro Paranhos, tanto comprehendeu depois da demissão que o seu acto desatinado iria prejudicar o paiz no Rio da Prata, que elle mesmo lembrou uma nova embaixada, indicou quem devia ser nomeado e inspirou a linguagem que devia ser ahi empregada ; e lá foi o Sr. Octaviano, que muito doente não pôde resistir á *vontade* que o lembrára, designára e nomeára, e sobretudo sabendo que *essa vontade*, dissera : — « E' chegada a occasião do Octaviano mostrar seu talento e prestar um importante serviço » —, e lá foi o Sr. Octaviano, repetimos, dizer ao general Flores, *que é um grande general, que o imperador é seu amigo, e tanto que lhe mandava um embaixador de sua ordem dar a S. Ex. uma satisfação pela demissão do Sr. Paranhos* ; que elle embaixador se ufanava muito de haver sido escolhido para desempenhar tão importante missão, e que procuraria *continuar e proseguir* na politica generosa e civilisadora do seu governo, sustentada pelo Sr. Paranhos !

E em seguida lá foi o Sr. Octaviano repetir as mesmas palavras ao Sr. presidente Mitre em Buenos-Ayres !...

A posição critica em que o convenio de

20 de Fevereiro collocára o presidente do Paraguay, tornou-se mais facil e melhor pelo facto da demissão do conselheiro Paranhos, e o futuro se encarregará de nos provar com toda a evidencia, que o convenio Paranhos abalava profundamente o poder de Lopez ; que a demissão Paranhos consolidou o poder de Lopez e deu-lhe mais prestigio, mais força moral, para sustentar a luta que está travada com o Brasil.

As consequencias internas são todas demoralisadoras para as instituições e para a consciencia do povo.

A politica invasora e *toda pessoal*, que se ostenta no paiz, deu já em resultado nos negocios do Prata :

1.º O desprezo com que foi recebida pelo illustrado e distincto Sr. conselheiro Saraiva, a carta imperial que o nomeou presidente da provincia da Bahia.

2.º A briosa e digna resolução tomada e executada pelo illustrado e distincto Sr. conselheiro Paranhos, de retirar-se ao gremio de sua familia e de seus amigos, de esperar a oportunidade para elevar no recinto do senado sua voz sympathica e energica, com o fim de castigar os ineptos,

os ingratos e os traidores, que magoárão seu coração leal, sensível e patriótico; que offendêrão seus bríos e sua dignidade, que procurarão contestar seus talentos, a sua alta reputação conquistada com tanto labor e estudo; que antolhárão até tornal-o criminoso perante a nação e attrahir-lhe os odios de seus concidadãos por meio de insinuações infamantes e perfidas.

3.º A resolução tomada por muitos dós mais distinctos caracteres de continuar no isolamento, e sem participação directa no governo do paiz, enquanto durar o systema do *quero, posso e mando* em manifesta opposição com a lei fundamental do estado, que creou e dividiu os poderes publicos, que creou o poder executivo com ministros responsaveis, mas livres e independentes de toda a coacção e dominio extralegal; enquanto não se derem arrhas aos homens de bem de todos os partidos de poderem governar em nome de suas crenças, de seus principios e sob a sua immediata e unica responsabilidade.

Ha quem procure explicação da nobre reserva mantida pelo Sr. conselheiro Paranhos, depois de sua chegada a esta capital; ha mesmo quem extranhe que o nobre

senador tenha levado sua magua tão longe, que se retrahisse até olvidar que é subdito !

Mas, como extranhar semelhante reserva, semelhante oivido ; como pedir-se explicações da conducta do illustre estadista, quando seu procedimento esta de sobejo explicado desde que se comparar o que teve lugar para a sua nomeação de embaixador, com o que teve lugar para a sua acintosa exoneração ? não está tudo explicado com clareza e fidelidade na apreciação desses dous actos ? para que mais explicações ? para que fingir-se extranhar a reserva do subdito leal e dedicado, do estadista eminente, do habil politico e diplomata, que em remuneração de assignalados serviços prestados ao seu paiz e ao seu Imperador, se lhe atira ás faces das varandas do palacio com a pecha de inepto ! !... e diante do mundo com a ignominia e a infamia ?...

— Seulement les princes et les rois intelligents et loyalles, son dignes d'avoir des sujets intelligents et loyalles, et, ont droit a ses homages empresés. —

Se os actuaes ministros, se os anteriores ministros, e se muitos outros ministros tivessem os sentimentos de dignidade, os



brios do ex-embaixador o Sr. Paranhos ; nem elles serão vilipendiados, nem o Sr. Paranhos seria enxovalhado, nem o paiz estaria desmoralizado, corrompido, em completa revolução, nem as instituições estariam igualmente desprestigiadas, nem haveria quem se julgasse superior á lei e á nação, nem quem provocasse a indiferença senão o recentimento contra uma instituição que não é de direito divino, mas que foi creada, sagrada e tem sido mantida com veneração por esse grande povo brasileiro tão digno de melhor sorte !

Basta de enigmas, sejamos claros e francos, repetiremos ainda outra vez.

O despotismo das fórmulas é o mais cruel e ignominioso para o subdito como para o governo. Se não se quer a constituição porque garante direitos sagrados aos povos, aproveite-se todo esse entusiasmo popular que por ali se ostenta a expensas do thesouro, para se proclamar o absolutismo senão a dictadura, mas proceda-se com coragem, com energia e com a devida lealdade ; assuma quem quizer a responsabilidade de seus actos, mas haja verdadeiros responsaveis perante Deos, perante o paiz e a posteridade.

Venha muito embora o imperio da dictadura, que possa condemnar, absolver, castigar e galardoar a seu bel-prazer; mas venha elle substituir esse que ahi existe, que condemna e castiga á falsa fé sob o manto sagrado da lei, e que ataca e vilipendia todos os poderes que são delegações da nação.

Venha muito embora, mas sabio, honesto e leal, que saiba promover o bem geral, castigar o crime e conquistar dedicações; em troca desse que ahi ostentava hontem *tanta crueza*, hoje ostenta *tamamha inepecia*, que deplora as desgraças do bancarroto, perdôa o assassinato dos *senhores*, e paga com a mais cruenta ingratidão os serviços e as dedicações pessoas dos mais distinctos servidores da nação e do throno.

Se algum dia se houver de levantar um monumento em honra do escolhido em 7 de abril, que senão diga com o mais profundo sentimento de convicção, como já se disse sómente por odio do monumento levantado ao inclyto imperador Pedro I — é uma mentira de bronze! —

Oxalá que se possa dentro em pouco dizer — a constituição é uma verdade; os poderes publicos girão livres e independentes; o paiz

è feliz, porque cessarão os grandes crimes politicos que se denominavão — absurdos.

A invasão da provincia de Matto Grosso por si só constitue um facto importante, que, a seu tempo hade inspirar o estro poetico de algum trovador adrede escolhido para cantar em uma épopea de estylo *grandiloquo e corrente*, a previdente e sabia politica que se inaugurou em 1840 por uma revolução, e, por uma traição que não teve, não tem nem terá jamais semelhante nos annaes da historia da juventude.

O historiador severo que por seu turno houver de colher os elementos para encher as paginas das encyclopedicas e dos jornaes dos institutos, com a triste narração d'aquella invasão, e dos grandiosos meios de despesa existentes n'aquella parte do territorio do império brasileiro, concluirá, provavelmente, com o pensamento que ditou a um distincto brasileiro estas memoraveis palavras :

— A Providencia tem uma acção muito directa em todas as couzas, e a Providencia durante a invazão Paraguaya inundou Matto Grosso ! —

A guerra do Rio da Prata provocada em uma epocha tão critica para o nosso paiz:

quando agonisa a nossa agricultura, desaparecem as industrias, se acha o nosso commercio nas mais serias difficuldades, as nossas finanças arruinadas e sem direcção conveniente ; quando a banca-rota ameaça tornar-se geral affectando o credito do proprio governo; quando não temos exercito, nem armada, nem artigos bellicos ; foi um acto de loucura que poderá anniquillar a nossa nacionalidade.

A solução final dessa guerra. trará consigo consequencias terriveis para a integridade da Nação.

Depois d'ella poderemos dizer — o poder bastardo que por inconsequencias, erros e ambições se tornou legitimo, collocou o paiz em um plano inclinado e o conduzio de *quebrada em quebrada* até lancal-o no caudaloso rio da destruição. Foi-se uma nacionalidade que o patriotismo fervoroso de nossos maiores creou com tanta galhardia ; que nós, seus *filhos legitimos* e como elles tão patrioticos saberiamos manter, desenvolver e engrandecer, se não nos honvessem avassallado a esse espirito que anniquillou nos nossos corações todos os germens do verdadeiro espirito nacional, e que reduzio o paiz a uma grande associação commercial

Onde se barateão as consciencias, os brios e a dignidade dos homens, onde cada um procura amontoar cabedaes por meio de todas as traficancias !

Da Constituição do Estado só resta a recordação de que foi ella jurada !

Os poderes publicos ; o legislativo, o judiciario, o executivo conservão seus titulos, mas achão-se á mercê do poder moderador que se tornou *dictador*, e que sob as apparencias constitucionaes exerce inqualificavel pressão sobre tudo e sobre todos os que estão dependentes do seu beneplacito !

Concluiremos recordando o seguinte facto historico :

Luiz Felipe — o *bom* rei dos francezes, quando chegava ás janellas das Tuillarias, e via em roda de seu palacio 140 mil homens armados e disciplinados, nem suspeitava que um banquete fosse o pretexto tomado para realizar a quéda da monarchia de Julho.

Senão tivesse sido impedido esse banquete, talvez que d'elle houvessem sahido embriagados Thiers e O'Dillon Barrot, e que a dymnastia d'Orleans ainda occupasse os palacios de Paris ; mas a loucura de Guizot e

a *bondade* do rei preferirão *exaltar* os animos, *espingardear* o povo, e quiçá *decapitar* os verdadeiros chefes da opposição, e isso deu em resultado, apesar da força do exercito e da energia do ministro, ser arastada pelas ruas a realeza popular e proclamada a republica.

Quando Thiers apresentava á Camara, o Conde de Paris para ser aclamado rei, como successor de Luiz Felippe, responderão-lhe simplesmente — E' tarde, — e essa apresentação pouco distava da hora em que abdicára o rei, mas estava já morta a realeza, e o exercito que a guardava passou a guardar o governo provisorio da nova republica franceza.

Este e outros factos da historia contemporanea, deverião estar sempre presentes na idéa daquelles, que, por se acharem na cupula do poder se julgão inviolaveis e garantidos para desprezar o povo que os elevou, e os homens eminentes que os tem servido.

Felicitemos o distincto Sr. conselheiro Saraiva pelos valiosos serviços que prestou no Prata.

Felicitamos o distincto Sr. conselheiro  
Paranhos pelo esplendido facto de 20 de  
Fevereiro !!...

**FIM.**

